

I.10. La storiografia dell'Impero

Testo 10.3 Diogo de Couto, [Il primo assedio di Diu in India] in *Décadas*, Década V, livro IV, cap. 13, in *Historiadores Quinhentistas*, edição de Rodrigues Lapa, Seara Nova, Lisboa, 1972, pp. 100-109.

Diogo do Couto è lo storico delle *Décadas* (continuazione dell'opera di João di Barros, commissionata dal re Filippo II di Spagna dopo l'annessione del regno del Portogallo) e lo scrittore del celebre *Soldado Prático*, una mordace critica al funzionarismo coloniale nell'Oriente portoghese. Nato a Lisbona nel 1542, ma presto in viaggio per l'India dove ebbe incarichi ufficiali come quello di archivista a Goa, proprio in questa città morì nel 1616 chiedendo, non senza un certo rancore, che il suo epitaffio recitasse: «Patria ingrata non avrai le mie ossa». Parole dure che sono la spia del risentimento, se non proprio del malessere che Diogo do Couto avvertì attorno a sé dopo la pubblicazione dei primi volumi dell'opera in cui denunciava, in nome della verità storica, la persistente corruzione amministrativa dello Estado da Índia. Nel brano scelto, Diogo do Couto tuttavia celebra l'eroismo dei pochi portoghesi rimasti a guardia dell'isola di Diu in occasione dell'assalto tentato dalla flotta ottomana accorsa in aiuto degli indiani. Vividi esempi di coraggio e resistenza sono gli episodi che vedono coinvolti non solo il capitano António da Silveira o il soldato Fernão Penteado, ma anche un gruppo di donne fra cui spicca Ana Fernandes, moglie del medico della Fortezza.

António da Silveira estava em seu lugar, provendo tudo, mandando reforçar o baluarte com mais gente, acodindo ali àqueles capitães que chegaram de Goa de refresco, tomando os lugares mais perigosos, obrando todos cousas dinas do valor português. E tudo foi necessário, porque os Turcos¹ pelejavam com desesperação, apostados todos a morrerem daquela feita ou concluírem com aquela fortaleza; e assi se metiam pelo fogo como bárbaros, sem ordem nem consideração, o que tudo era muito diferente nos Portugueses, que pelejavam com muita confiança, segurança e ordem, porque, com serem tam poucos, assi estavam repartidos por seus lugares, que nem os que pelejavam com as espingardas embaraçavam aos das panelas de pólvora, nem os dos bicheiros tinham quem os estorvasse; e assi faziam cousas tam grandes e tam admiráveis, que em pouco espaço puseram os imigos em desconfiança, porque lhe tinham tantos mortos e abrasados, que os vivos lhes era necessário pera pelejarem [andar] por cima dos que estavam estirados, acabando-os de matar.

Aqui foi a revolta tamanha que parecia que se entrava a fortaleza; e o reboliço por ela foi tal que chegou esta voz a casa de Fernão Lourenço, marido daquela boa Ana Fernandes, que estava curando os feridos que àquela hora chegaram do baluarte do mar. E sendo ouvido por Fernão Penteado, que estava aguardando que se acabasse de curar outro, pera o ele fazer também, e perguntando o que era, dizendo-lhe que se entrava no baluarte, não lhe sofrendo o coração e ânimo português estar ali, saiu-se pela porta fora com ãa alabarda nas mãos, e subindo ao baluarte passou com grande fúria por todos até se pôr no lugar da batalha, em que começou a fazer maravilhas, apresentando-se no maior perigo, até que lhe deram outra cutilada pela cabeça, que o obrigou a ir buscar remédio pera ambas.

Chegando a casa do surujão, achou-o ocupado na cura de outros homens, porque não tinha hora vaga; e como o negócio do baluarte esteve desta vez mui arriscado e nele cresciam os gritos e alaridos cada vez mais, e pelas ruas andavam correndo mulheres e mininos pedindo misericórdia a Deus com grandes gritos e prantos, dando isto outra vez nos ouvidos de Fernão Penteado, afirmando-se que o baluarte era perdido, fervendo-lhe o coração no peito, porque estava ali ocioso, havendo que o lugar da briga era o mais seguro e descansado, sem esperar pela cura, tornou a lançar pela porta fora e, entrando no baluarte, passou ao lugar da briga, que estava no mais arriscado ponto em que nunca se viu, por terem os Turcos espalhado o fogo e já pelejavam sobre a entrada da parede. E como se não tivera cousa algũa, começou a pelejar como um leão por um grande espaço, até que a fortuna, invejosa do valor do seu braço, ordenou que lhe dessem por ele ãa lançada, que de todo o inhabilitou pera mover as armas; e sendo-lhe necessário recolher-se, o fez com muita tristeza e mágoa de seu coração, por ser a ferida por parte que não podia tomar dela satisfação, e foi demandar a casa do mestre, onde se curou de três feridas, que eram todas bem perigosas, de que sarou.

Mas o que o ferro e o fogo não puderam acabar, o fez a água, porque, depois deste cerco passado, morreu este valoroso soldado afogado em ãa fusta que se perdeu. E posto que não chegou a ter satisfação de seus merecimentos, dar-lha-emos nós nesta história, com o deixarmos conhecido ao mundo, em quanto ele durar; porque estes são os galardões que os varões famosos mais pretenderam que todos, que os filósofos antigos houveram pelos maiores prêmios que a virtude podia ter, como sentia Bruto, escrevendo a Cícero, dizendo assi: «Que cousa há mi-lhor que a memória dos bons feitos?»² – posto que os ilustres ânímos não vão tanto após os prêmios e louvores quanto após a virtude; porque ainda que muitos, por sua grandeza de ânimo não procurassem glória, nem por isso deixaram de a alcançar, porque depois lhe veio com maior vontade; e bem se sabe que nenhũa virtude recebe tantos louvores como a fortaleza.

E tornando a nosso fio. A briga no baluarte ia crescendo cada vez mais, com grandes danos de parte a parte; mas da dos imigos foi o estrago tamanho que, não o podendo sofrer, se lançaram do baluarte abaixo, pasmados do que viram, deixando aquele lugar entulhado dos corpos dos seus mortos, levando a mor parte dos que escaparam bem grandes sinais das mãos dos nossos, de que não morreram mais de dous, ficando porém corenta mal feridos. Já neste tempo não havia mais de duzentos e setenta homens sãos pera poderem pelejar, porque cinquenta eram já mortos, e havia mais de setenta feridos e aleijados; e, sobre tudo isto, havia já falta de pólvora d'espingarda e de chumbo.

Passado o combate, porque até então não houvera tempo, mandou António da Silveira levar diante de si os dous Turcos que foram tomados no mar, de quem soube tudo o que quis; e lhe afirmaram que no exército havia grande medo da armada do visor-ei, e que eram mortos na guerra quási oitocentos homens, e que passavam de mil os feridos; e que o Baxá³ determinava de meter todo o resto por ganhar aquela fortaleza primeiro que o visor-ei chegasse. O capitão, depois de informado de tudo, entregou os Turcos a certas pessoas, pera que de noite lhe fossem dar fundo no mar, e foram por entre tanto recolhidos em ãas casas.

Pela fortaleza se divulgou logo tudo o que os Turcos disseram, e que o Baxá não se havia de alevantar de sobre a fortaleza sem a tomar. Isto foi sabido pelas mulheres que andavam ao trabalho; e passando ãa delas pela porta das casas em que estavam os Turcos – e foi a tempo que de dentro saía um soldado, e pergun-

tando-lhe ela pelos Turcos e pelo que o capitão mandava fazer deles, lhe respondeu o soldado zombando, pela sentir com paixão, que os Turcos estavam dentro e que o capitão os mandava saltar livremente.

Ela, ouvindo aquilo, cheia de ira e de paixão, entrou pela porta dentro como douda, e encontrou Francisco de Gouveia, que estava todo abrasado em vivo fogo, porque foi um dos homens que neste dia e em todos se abalizou bem, não se saindo do baluarte senão queimado dos pés, mãos, rosto e de todo o mais corpo, ficando tal e tão desfigurado que o não conheciam. E neste estado, que pudera achar piedade na mais deshumana fera que no mundo houvera, a não achou nesta mulher, que, com a fúria que levava, cuidando que era um dos Turcos, alevantando ãa gamela que trazia nas mãos, remeteu com ele pera lhe dar com ela na cabeça, dizendo:

— Ah, perro imigo, e vivo hás tu de tornar daqui? Sabe que às minhas mãos hás de morrer tu e essoutro perro como tu.

E querendo descarregar o golpe, ele se lhe afastou o melhor que pôde, dizendo-lhe que na outra casa de dentro tinha os Turcos. Ela, cuidando todavia que ele era um deles, e que a enganava, tornando a remeter a ele, pera lhe dar, lhe disse:

— Ah, cão, queres-me enganar? Olhai como espivita o português! Pois sabe que nada te há de valer, que te hei de fender esta gamela nessa cabeça!

E sempre lhe dera com ela, segundo Francisco de Gouveia estava fraco, se àquele tempo não acodiram alguns homens, que lho tiraram das mãos, dizendo-lhe quem era. Ela, vendo aquilo, com a mesma paixão com que estava se saiu pela porta fora; e, ajuntando muitas das companheiras, se foi ao capitão, e com aquela fúria e cólera com que estava contra os Turcos lhe disse:

— Como mandais vós, senhor, dar vida a uns imigos que tanto têm trabalhado por nos beber o sangue? Se tal é verdade, eu e estas minhas companheiras, que neste cerco temos tamanho quinhão como todos os homens, o não havemos de consintir, antes os havemos de espedaçar com nossas mãos. Por isso, mandai que no-los entreguem.

O capitão, pasmado de ver aquele ânimo, ira e furor em peitos fracos e medrosos per natureza, havendo que até a ela tinha em seu favor, muito alegre e risonho lhes respondeu que se quietassem, porque eles não ficariam com vida; e que já tinha mandado que os lançassem no mar.

Que mais espantoso caso se viu que este nestas nossas Portuguesas? Por estas com muita razão se pode dizer o que disse aquela Lacedemónia à outra Espartana, chamando-lhe mulher, que era verdade que as Lacedemónias só mereciam este nome, pois elas sós pariam homens. Quanto mais honrada paixão foi esta que a daquelas Romanas que foram convocadas pelo mãe do moço Papírio, que, por não descobrir o segredo do Senado à mãe, que apertava com ele que lho dissesse, lhe disse que se tratara aquele dia se casariam os homens com duas, pera a multiplicação da geração, e que ficara por determinar. De que indinada, a mãe, ajuntando as outras matronas, entraram no Senado com grandes clamores e brados, dizendo aos senadores que, quando aquilo houvesse de ser, que antes ordenassem que as Romanas tivessem dous maridos.

Outro caso semelhante ao passado, de ira e paixão, aconteceu aos moços da fortaleza, que também andavam acarretando cousas pera os repairos e fortificações, não se escusando cativo nem livre de dez anos pera cima. Quis a má fortuna de um daqueles escravos que dissesse um dia:

— Se estes Turcos foram homens e souberam o estado em que esta fortaleza está, já a houveram de ter tomada.

Os moços portugueses em ouvindo isto, dando-lhes a ira e a paixão, largando os cestos, remeteram a ele, levando-o logo nos ares pera o matar; e assi chegaram onde estava o capitão, a quem contaram o caso, requerendo-lhe que logo o mandasse justiça, pois tivera tamanho atrevimento, e pera que outro não fosse ousado a falar nem imaginar outra semelhante cousa. O capitão, espantado de ver naquela tenra idade um zelo tão honroso, louvou-lho muito e lhes disse que se recolhessem e lhes deixassem o moço, que ele o mandaria castigar.

Os moços, descontentes daquela reposta, como iam cegos da paixão, sem fazerem discurso nem consideração, todos a um tempo remeteram ao escravo com paus e pedras, e em breve espaço o desfizeram em pedaços, sem o capitão lhe poder valer. E tomando o corpo nos ares, o levaram com grandes gritas à Couraça e o lançaram no mar.

Este caso ammirou a todos, mas também os encheu de alegria, por verem que até nos mininos crecia o ânimo e furor contra os Turcos, o que lhes dava bom agouro, porque haviam que todas aquelas cousas eram movidas por Deus, que os queria animar, esforçar e dar confiança nestes trabalhos.

1. I «Turcos» qui riferiti sono le flotte dell'impero ottomano capitanate da Hadim Suleiman Pasha che con gli alleati indiani sotto la guida del Samorino di Calicut attaccano le postazioni portoghesi nel 1509.

2. «Quid enim est melius quam memoria recte factorum, et libertate contentum, negligere humana?» Lettera XXIV di Bruto a Cicerone.

3. *Baxá* o *paxá* dal persiano *Pādishāh* «signore» è il pascià, appunto, titolo onorifico attribuito al maggiorasco del sultano.

António da Silveira si trovava al suo posto, provvedendo a tutto, facendo rinforzare il bastione con altra gente, e per questo accorsero i capitani che giunsero di rinforzo da Goa, i quali occuparono i punti più pericolosi e compirono tutti azioni degne del valore portoghese. E tutto fu indispensabile, perché i turchi lottavano disperatamente, pronti a morire in quell'impresa o a farla finita con quella fortezza: e così si gettavano nel fuoco come barbari, senza ordine né giudizio; molto diversamente, invece, si comportavano i portoghesi, che combattevano con grande fiducia, sicurezza e ordine, poiché, essendo in così pochi, erano suddivisi nei rispettivi posti, così che i fucilieri non intralciavano gli addetti alle polveri, né quelli addetti al paldiferro trovavano chi li intralciasse. E così compivano gesta tanto grandi e ammirevoli, che in poco tempo mettevano i nemici in difficoltà, e poiché gliene avevano ammazzati e bruciati tanti, ai vivi, per battersi, era necessario calpestare i corpi dei caduti, finendo di ucciderli.

La rivolta fu qui così grande che sembrava stessero entrando nella fortezza, e il tumulto di questa era tale che ne giunse voce a casa di Fernão Lourenço, marito di quella generosa Ana Fernandes, che stava curando i feriti che in quel momento arrivavano dal bastione del mare. E avendolo udito Fernão Penteado, che stava aspettando che un altro finisse di essere curato, per esserlo anche lui, domandò che cos'era, e sentendo che stavano entrando nel baluardo, non gli resse il cuore e l'animo portoghese di rimanere lì, così uscì dalla porta con una alabarda in mano, salì verso la roccaforte, passò con impeto tra tutti fino ad arrivare al luogo della battaglia, dove cominciò a compiere grandi imprese, esponendosi ai maggiori pericoli, fin quando non gli assestarono un altro colpo alla testa che lo costrinse a cercar rimedio per entrambe le ferite.

Arrivato a casa del chirurgo, lo trovò occupato nella cura di altri uomini, ché non aveva un momento di respiro, e poiché questa volta la situazione alla fortezza era molto rischiosa, crescevano sempre più grida e clamori, e per le strade correavano donne e bambini chiedendo misericordia a Dio tra urla e pianti. Giunta ancora una volta alle orecchie di Fernão

Penteado la voce che la fortezza era perduta, il cuore gli ribolliva in petto al pensiero di starsene lì senza far nulla e ritenendo che il luogo della lotta fosse il più sicuro e tranquillo, senza aspettare di essere medicato, si lanciò di nuovo fuori dalla porta, e entrando nella roccaforte, raggiunse il punto della mischia che era il più rischioso, poiché i turchi avevano disperso il fuoco e combattevano ormai sulle mura. E come se niente fosse, cominciò a lungo a battersi come un leone, finché la fortuna, invidiosa del valore del suo braccio, ordinò che glielo colpissero con una lancia, cosa che gli rese impossibile maneggiare le armi. Fu dunque necessario per lui ritirarsi, ma lo fece con grande tristezza e pena nel cuore, poiché la ferita era in un punto che non gli permetteva di ignorarla, si recò a casa del medico, dove gli curarono le tre ferite, tutte molto gravi, dalle quali guarì.

Ma quel che il ferro e il fuoco non poterono finire, lo fece l'acqua, perché, terminato l'assedio, questo valoroso soldato morì affogato in una fusta che naufragò. E poiché non riuscì a vedere il riconoscimento dei suoi meriti, glielo daremo noi in questa storia, facendolo conoscere al mondo, finché questo durerà; perché questi sono i riconoscimenti che gli uomini illustri di più richiedono, che i filosofi antichi ritenevano che tra i premi più grandi vi era la virtù, come osservava Bruto, scrivendo a Cicerone: «Che cosa c'è di meglio che la memoria dei buoni fatti?» — dal momento che gli animi illustri non mirano ai premi e ai riconoscimenti quanto alla virtù; perché, anche se molti, per la loro grandezza di spirito non cercano la gloria, non per questo non la raggiungono, perché hanno maggiore determinazione; ed è ben noto che nessuna virtù riceve tanti riconoscimenti come la fortezza.

Riprendendo il filo. La lotta nei bastioni aumentava sempre più, con gravi perdite da entrambe le parti; ma per i nemici il danno fu tale che, non potendo subirlo oltre, si gettarono giù dalla fortezza, sconvolti da quel che vedevano, lasciando quel luogo pieno dei corpi dei loro morti, e portando su di sé — la maggior parte di quelli che erano scampati — i segni ben visibili delle mani dei nostri, di cui non morirono che due, essendocene però quaranta gravemente feriti. Tuttavia non restavano ormai più di duecentosettanta uomini sani in grado di combattere, poiché cinquanta erano già morti e più di settanta feriti o mutilati, e, soprattutto, mancavano polvere da sparo e piombo.

Concluso lo scontro, poiché fino ad allora non c'era stato il tempo, António da Silveira fece portare dinanzi a sé i due turchi che erano stati catturati in mare. Da questi seppe tutto ciò che voleva: gli dissero che nell'esercito vi era molta paura dell'armata dei viceré e che nella guerra erano morti quasi ottocento uomini e più di mille erano i feriti, e che il pascià aveva deciso di servirsi di tutto il resto delle forze per conquistare la fortezza prima dell'arrivo dei viceré. Il capitano, dopo esser stato avvisato, consegnò i turchi ad alcune persone, affinché di notte venissero affogati in mare, e nel frattempo li fece rinchiudere in alcune case.

Subito si diffuse nella fortezza quel che i turchi avevano detto, e che il pascià non avrebbe tolto l'assedio senza averla conquistata. Questo fu risaputo dalle donne che collaboravano con gli assediati; e passando una di esse davanti alla porta della casa in cui erano tenuti i turchi, mentre ne usciva un soldato, gli chiese di loro e che cosa ne avrebbe fatto il capitano: le rispose il soldato scherzando, vedendola così infervorata, che i turchi erano lì dentro e che il capitano aveva deciso di lasciarli liberi.

All'udire ciò, piena di rabbia e di passione, la donna entrò dalla porta come impazzita. Incontrò Francisco de Gouveia, tutto ustionato, poiché era uno degli uomini che quel giorno e nei precedenti si era distinto nello scontro, non allontanandosi dal bastione se non con i piedi, le mani, il viso e tutto il resto del corpo bruciati, rimanendo così sfigurato che non si riusciva a riconoscerlo. In questo stato, che avrebbe potuto suscitare pietà nella più impietosa fiera del mondo, non la trovò in quella donna che, trascinata dalla furia, credendolo uno dei turchi, alzò un secchio che aveva in mano e si lanciò su di lui per darglielo in testa, dicendo:

— Ah, cane nemico, e tu dovresti uscire vivo da qui? Sappi che per mano mia morirai, tu e quell'altro cane come te!

E mentre stava per scagliare il colpo, egli si scostò meglio che poté, dicendole che i turchi erano nella stanza interna. Ma lei, credendo comunque che fosse uno di loro e che volesse ingannarla, tornando a gettarsi su di lui per colpirlo, gli disse:

— Ah, cane, vuoi ingannarmi? Ma guarda come parla il portoghese! Sappi che non ti servirà a niente, perché questo secchio ti romperò in testa!

E sicuramente l'avrebbe colpito, poiché Francisco de Gouveia era molto debole, se in quel momento non fossero arrivati alcuni uomini che glielo strapparono dalle mani, dicendole chi era. Lei allora, con lo stesso impeto di prima, uscì fuori e, radunate molte compagne, andò dal capitano, e con il furore e la rabbia che aveva contro i turchi, gli disse:

— Come potete ordinare, signore, di lasciare in vita dei nemici che hanno fatto di tutto per berci il sangue? Se questa è la verità, io e le mie compagne, che in quest'assedio abbiamo tanta parte come gli uomini, non lo consentiremo, anzi li faremo a pezzi con le nostre mani. Ordinate, dunque, di consegnarceli.

Il capitano, meravigliato di trovare tanto coraggio, ira e furore in petti deboli e timorosi per natura, vedendo che questa stessa natura era dalla sua parte, felice e sorridente rispose che si tranquillizzassero, perché i turchi non sarebbero rimasti vivi, e che aveva già disposto che venissero gettati in mare.

Quale caso più sorprendente si vide di queste nostre portoghesi? Di queste, a ragione, si può dire ciò che disse quella Lacedemona all'altra Spartana, chiamandola donna, che era vero che le Lacedemoni meritavano solo quel nome, perché solo loro partorivano uomini. Che passione onorevole fu quella di quelle Romane che furono convocate dalla madre del ragazzo Papirio, il quale, per non rivelare il segreto del Senato alla madre, che lo tormentava affinché glielo dicesse, gli disse che da quel giorno si sarebbero sposati gli uomini con due donne, per la crescita della generazione, e che rimaneva solo da stabilirlo. Allora, indignata, la madre radunò le altre matrone ed entrarono in Senato con forti grida e clamore, dicendo ai senatori che, se quello doveva esser deciso, prima dovevano disporre che le Romane avessero due mariti.

Un caso simile al precedente, di ira e di passione, accadde ai giovani della fortezza, che andavano raccogliendo oggetti per le barricate e le fortificazioni, non escludendo nessuno, schiavo o libero dai dieci anni in su. Sfortuna volle che uno degli schiavi un giorno dicesse:

— Se questi turchi fossero dei veri uomini e sapessero in che stato si trova questa fortezza, avrebbero già dovuto conquistarla.

Sentendo ciò, i giovani portoghesi, presi da rabbia e da furore, lasciarono i cesti e si gettarono su di lui, sollevandolo in aria con l'intenzione di ucciderlo: arrivarono così dove stava il capitano, al quale presentarono il caso, chiedendogli di farlo giustiziare immediatamente, poiché si era mostrato così insolente e perché altri non osassero dire né immaginare cose simili. Il capitano, stupito di vedere in quella tenera età uno zelo tanto nobile, li lodò molto e disse loro di ritirarsi lasciandogli il ragazzo, che avrebbe fatto punire.

I ragazzi, insoddisfatti della risposta, poiché erano ciechi di furore, senza aprir bocca né riflettere, tutti insieme aggredirono lo schiavo con pietre e bastoni, e in poco tempo lo fecero a pezzi, senza che il capitano potesse aiutarlo. E sollevato il corpo, lo portarono tra le grida a Couraça e lo lanciarono in mare.

Questo caso stupì tutti, ma li riempì anche di gioia, vedendo che addirittura nei bambini cresceva il risentimento e la rabbia contro i turchi, cosa che era di buon auspicio, perché ritenevano che tutti quegli avvenimenti fossero voluti da Dio, che intendeva esortarli, incoraggiarli e dar loro fiducia in queste imprese.